

FUNDAÇÃO DOM JAIME DE BARROS CÂMARA
INSTITUTO TEOLÓGICO DE SANTA CATARINA

Diretor: Pe. Dr. Vilmar Vicente
Vice-diretor: Pe. Dr. Agenor Brighenti
Secretário: Pe. Ms. Ney Brasil Pereira
Administrador do patrimônio: Pe. Dr. Valter Maurício Goedert
Coordenador/Departamento Pastoral: Pe. Francisco de Assis Wloch

ENCONTROS TEOLÓGICOS

REVISTA QUADRIMESTRAL FUNDADA EM 1987
Diretor: Pe. Dr. Elias Wolff
Editor: Pe. Dr. Vilmar Adelino Vicente
Redator: Pe. Ms. Ney Brasil Pereira
CONSELHO EDITORIAL: Pe. Dr. Agenor Brighenti
Pe. Dr. Márcio Bolda da Silva
Pe. Dr. Válder Maurício Goedert
Pe. Dr. Vitor Galdino Feller
Editoração Eletrônica/Capa: Atta

COLABORADORES REGULARES

(PROFESSORES DO ITESC)

Professores nomeados: Pe. Dr. Agenor Brighenti, Sr. Dr. Celestino Sachet, Pe. Celso Loraschi, Pe. Dr. Elias Wolff, Pe. Ms. Domingos Volney Nandi, Pe. Ms. Evaristo Debiassi, Ir. Ms. Gertrude Marques IDP, Pe. José Arturino Besen, Pe. Dr. Luís Inácio Stadelmann SJ, Pe. Dr. Dr. Márcio Bolda da Silva, Ir. Ms. Marlene Bertoldi, Pe. Ms. Ney Brasil Pereira, Pe. Ms. Siro Manoel de Oliveira, Pe. Dr. Válder Maurício Goedert, Pe. Dr. Vilmar Adelino Vicente, Pe. Dr. Vitor Galdino Feller. **Professores Convidados:** Pe. Francisco de Assis Wloch, Sra. Jucília Vieira de Castro, Sr. Ms. Luís Dietrich, Srta. Ms. Marta Magda Antunes Machado, Pe. Ms. Sérgio Maykot, Pe. Mário Sérgio Baptistin.

Nota: O autor de cada artigo desta publicação assume a responsabilidade das opiniões que expressa.

[Catalogação na fonte por Daurecy Camilo (Beto)]

CRB-14/416

Encontros Teológicos. Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC, n. 33, Florianópolis, 2002.

Quadrimestral ISSN 1415-4471

I. Instituto Teológico de Santa Catarina

CDU 2 (05)

PREÇO DE ASSINATURA PARA O ANO 2002

R\$ 20,00

Forma de Pagamento

Cheque em nome do Instituto Teológico de Santa Catarina ou depósito bancário:
Banco HSBC, Agência 1301, Conta 639251

CORRESPONDÊNCIA E ASSINATURA

Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC

Caixa Postal 5041

88040-970 Florianópolis, SC

Fone/Fax: (0xx48) 234-0400

Home Page: www.ufsc.br/~itesc

E-mail: itesc1@terra.com.br

Edição No. 33 – 1000 exemplares

Impressão: Editora/gráfica Berthier (Passo Fundo, RS)
Florianópolis, novembro de 2002

Printed in Brasil

Pede-se Permuta
Exchange is Requested



O Concílio Vaticano II pode ser explicado por um gesto: o de abrir a janela. Foi o que fez o papa João XXIII, afirmando que pretendia renovar o ar que a Igreja respirava há séculos. E pela janela aberta a Igreja recebeu não apenas novos ares, mas pode também contemplar um novo horizonte, mais amplo do que o costumeiro. Viu que o mundo existente fora dela era uma realidade diferente e autônoma. Estava ali, desde sempre, à espreita. Era curioso do que acontecia «lá dentro», da Igreja. E de repente, a oportunidade. A janela abriu-se. E os novos ares que adentraram a sala de João XXIII levaram consigo o mundo. Só então, para muitos na Igreja, o mundo tornou-se realmente conhecido. E lhes pareceu simpático. O que é diferente não é, necessariamente, oposto.

Ao mesmo tempo, pela janela aberta a Igreja não apenas espiou o mundo, não apenas contemplou o novo horizonte que lhe apareceu diante de si, mas moveu-se em direção a ele, como que saindo «para fora» de si mesma. Viu-se no mundo, assumindo-o como algo de seu, em suas «tristezas e angústias... alegrias e esperanças...» (GS 1). Nos anos que sucederam o Concílio, estreitou-se a relação Igreja-mundo, conforme os ambientes, pessoas e situações. E a Igreja compreendeu que «fora do mundo não há salvação», nem mesmo para ela. Pois o mundo é o espaço da atuação de Deus. Foi a secularização, uma espécie de «mundanização» da Igreja: o seu mistério assumiu formas de expressão mais sintonizadas com o mundo. Elementos característicos da realidade temporal passaram a caracterizar também a realidade eclesial: laicidade, historicidade, dinamicidade...

Mas a Igreja assumiu mais o mundo do que o mundo assumiu a Igreja. Houve mais «mundanização» da Igreja do que «eclesialização» do mundo. Talvez porque o mundo tenha se desencantado com o que viu pela janela aberta...



A Igreja ganhou com isso. Os novos ares oriundos da aproximação Igreja-mundo possibilitaram tirar boa parte da poeira por séculos acumulada nas estruturas eclesiais. A Igreja viveu uma sensação de leveza. Com ar melhor, vive-se melhor. Livre da poeira, aparece a beleza original. Alguns até tiveram dificuldades para reconhecer que a Igreja do Concílio era a Igreja de sempre. Tal foi o efeito do «retorno às fontes».

E pode-se dizer que por quase duas décadas o evento Concílio Vaticano II se fez Igreja, se eclesializou. Por cerca de 20 anos a força profética, o dinamismo evangelizador, a renovação metodológica do Concílio substituiu antigas instituições, métodos e linguagens na Igreja. Muitas das suas estruturas se redimensionaram. Outras foram definitivamente abandonadas. A consciência conciliar da natureza e missão da Igreja é mais coerente com a razão da sua existência enquanto «sinal e instrumento da comunhão»: experimenta-se a Colegialidade, a Subsidiariedade, a Corresponsabilidade; incrementam-se as conferências episcopais; descentraliza-se a responsabilidade pela evangelização; universalizam-se as igrejas particulares enquanto particulariza-se a Igreja universal - pela encarnação nas expressões regionais da liturgia, da espiritualidade, da teologia, da pastoral; revitaliza-se a racionalidade teológica, inserida contextualmente na vida das comunidades dos fiéis, superando toda tendência ao imobilismo dogmático. A Igreja do Concílio é uma Igreja que não teme o diálogo: com as tradições eclesiais, com as tradições religiosas e com o mundo. É a Igreja povo de Deus: o povo teve, como nunca, a oportunidade de entrar na Igreja, compreendê-la como sua, ser Igreja. O Concílio permitiu que a Igreja fosse, realmente, «povoada». O povo assumiu sua identidade eclesial na medida em que a Igreja assumiu sua identidade popular. E onde o Concílio fez-se Igreja, as vicissitudes das comunidades dos fiéis ganharam espaço no centro das preocupações da Igreja. Em muitas regiões, a Igreja ganhou em coerência e profetismo evangélicos.

Tal foi o caso na América Latina onde, sobretudo em Medellín, procurou-se «latinizar» o Concílio. Em nosso meio, o evento conciliar foi compreendido como um novo pentecostes, que refez a Igreja, dando liberdade de expressão – também com línguas de fogo – àqueles que acreditaram que a Igreja do Concílio era possível. Para muitos teólogos, refazer a Igreja era necessário por uma questão de fidelidade à própria Igreja. E criaram-se mecanismos eclesiais renovadores da vivência da



fé: as Comunidades Eclesiais de Base, a Teologia da Libertação, a inserção social, a opção preferencial pelos pobres..., entre outros.

E por cerca de 20 anos, o Concílio foi vivido com a força propulsora que a necessidade do aggiornamento impunha às comunidades dos fiéis. E a Igreja que o mundo viu pela janela aberta deixou-se mostrar com as portas escancaradas, esforçando-se, inclusive, por derrubar alguns de seus muros.

Mas nos anos seguintes, alguns segmentos da Igreja apresentam novas releituras dos ensinamentos dos padres conciliares. O tom é dissonante em relação à recepção dos primeiros anos, apontando para outras direções. Questiona-se a aplicação dos princípios conciliares na reflexão teológica, na ação pastoral e na organização eclesial em alguns ambientes. Tal questionamento por vezes explicita-se na forma de suspeita quanto ao sentire cum ecclesia na recepção. Julga-se temerário encarnar o Concílio nas situações regionais das comunidades dos fiéis e compreende-se como perigosas as explicitações teológicas que vão nessa direção. E, então, deslegitima-se tentativas de «refazer» a Igreja ao buscar torná-la coerente com a sua autoconsciência conciliar. E o Concílio já não mais é «ponto de partida», mas de chegada! Já não mais tem força renovadora. Quando muito, visa a reforma e a restauração.

Desse modo, o dinamismo, a elasticidade, o vigor da Igreja do Concílio desaparecem. Mas o que não se percebe é que o questionamento e suspeita não atingem apenas a «interpretação» do Concílio ou o «modelo» de Igreja que ele sugere. É o conteúdo mesmo da Igreja do Concílio que está em questão. E por isso em alguns lugares tem-se hoje a impressão de que o Concílio passou (ou sequer chegou!). E com ele passou também a Igreja do Concílio. Eis porque nos últimos anos vive-se numa perplexidade eclesiológica, desaparecendo do vocabulário teológico-pastoral expressões que garantiam a configuração identitária da Igreja do Concílio – como a expressão «Igreja povo de Deus».

E a Igreja está, sempre mais, deixando de ser vista no mundo. Para alguns, o caminho da «volta» parece definitivo. A Igreja deve retornar para o «seu» espaço. Mas surge o questionamento: uma vez dentro dele, o que acontecerá se janelas e portas se fecharem?

A revista Encontros teológicos quer, no presente número, revisitar o Concílio Vaticano II. É uma tentativa, humilde, de repropor o Concílio



às nossas comunidades, possibilitando que ele seja reafirmado, revivido, celebrado como um evento eclesial que configura, ainda hoje, a consciência da Igreja em sua natureza e missão. Buscamos recuperar os testemunhos dos que fizeram e viveram o Concílio como um verdadeiro evento eclesial. Eles nos impelem a propor sempre de novo a recepção dos seus ensinamentos. Por isso, reconsideraremos aqui a pertinência de alguns de seus documentos: as Constituições dogmáticas *Lumen Gentium* e *Sacrosanctum Concilium*; o *Decreto Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo; o *Decreto Inter Mirifica* sobre os meios de comunicação social¹. Apresentamos ainda alguns outros trabalhos, artigos e recensões, que mesmo se não tratam diretamente dos documentos conciliares, encontram-se no horizonte das orientações do Concílio.

Com isso, o que se busca é ajudar a manter o ar renovador da Igreja. Quer-se afirmar que a Igreja do Concílio é possível e que se realiza no espírito da comunhão no interior de todo o povo de Deus. É preciso crer na Igreja que não tem medo de retomar o diálogo, de olhar para fora de si mesma e de compreender que vive para os outros, no mundo, como o fez seu Fundador. E aos que insistem em «voltar para dentro», dos nossos artigos brota, esperançosamente, uma súplica: por favor, deixem, ao menos, a janela aberta!

E.W.



«Como vi e vivi o Concílio e o pós-Concílio»

Agenor Brighenti (org.)

Este é o título de um livro que recolhe o testemunho de 'Padres conciliares' da América Latina, organizado por Dom Marcos McGrath, arcebispo emérito do Panamá, recentemente falecido¹. O rico material foi recolhido por um grupo de teólogos² que, por alguns anos, trabalhou junto a ele num projeto amplo de pesquisa sobre a recepção do Vaticano II na América Latina³. Coube a mim, entre 1997 e 1998, colher as reflexões e análises de 'padres conciliares' do Brasil, a partir de um

¹ Cf. Mons. Marcos G. McGRATH (org.), *Cómo vi y viví el Concilio y el Postconcilio. El testimonio de los Padres Conciliares de América Latina*, Ed. Paulinas/CELAM, Bogotá 2000.

² O grupo era integrado por Miguel Angel Keller e Pablo Varela, ambos do Panamá; Jesús Delgado, de Salvador; e Agenor Brighenti, do Brasil.

³ O projeto contemplava cinco áreas, mas seu falecimento interrompeu os trabalhos após a conclusão da primeira: Área 1 - Recolección de testimonios de padres conciliares latinoamericanos (Mons. Marcos MacGrath); Área 2 - La recepción del "espíritu" del Concilio en la reflexión teológico-pastoral latinoamericana (P. Jesús Delgado); Área 3 - La recepción del Concilio en la acción pastoral de la Iglesia en el continente (P. Angel Keller, o.s.a.); Área 4 - La recepción del Concilio en la organización pastoral de la Iglesia en el continente (P. Agenor Brighenti); Área 5 - El impacto del Concilio en la sociedad civil (P. Pablo Varela).

¹ O presente número da *Encontros Teológicos* estava programado para reapresentar todos os 16 documentos conciliares. Por questão de espaço, tratamos desses, por ora, esperando considerar os demais nos próximos números.